

ARTIGOS

A PROPÓSITO DO RECENTE DICIONÁRIO DA LITERATURA MEDIEVAL GALEGA E PORTUGUESA¹

Heitor Megale
USP

Todo estudioso e todo pesquisador dos textos medievais galegos e portugueses, de seus autores, e das circunstâncias de produção e difusão de suas obras, hão de sentir-se gratificados com a riqueza de informações com que se defrontam, ao abrir e ler este *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*, formato 18,00 cm. por 25,50 cm., de 698 páginas, em duas colunas (menos no prefácio, em citações bibliográficas abreviadas, e no índice de colaboradores e colaborações), com encadernação em capa dura, trazendo sobrecapa de papel couché, ilustrada em policromia, com a iluminura de monge copista, do códice alcobacense 455, fol. 265, da Biblioteca Nacional de Lisboa. O colofão, impresso no verso da página de rosto, acusa uma tiragem de três mil exemplares e data a impressão de novembro de 1993.

Seus organizadores e coordenadores, Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, em atitude, declarada afetuosa, mas não menos científica, agradecem, no prefácio, ao Dr. Zeferino Coelho ter ideado o *Dicionário* e ter-lhes dado toda a confiança, toda a liberdade e todas as facilidades de que necessitavam.

O rol dos colaboradores abrange 85 nomes, – e não 84, como se declara no prefácio e se repete na primeira orelha – entre os quais autoridades já internacionalmente reconhecidas, que se acompanham de jovens investigadores, demonstrando estes a filiação, tanto pela linha de pesquisa, como pela segurança com que trabalham.

De Portugal, trouxeram colaboradores a Universidade Clássica de Lisboa: J. Leon Acosta, Isabel Adelaide Almeida, Teresa Amado, Francisco da Gama Caiiro, Pedro Calafate, Ivo Castro, Angela Correia, João Dionísio, Raul Miguel Rosado Fernandes, Elsa Gonçalves, Maria Isabel Rebelo Gonçalves, Rita Marquilhas, Maria Helena Mira Mateus, Osório Mateus, Margarida Vieira Mendes, Augusto Aires Nascimento, Leonor Curado Neves, João David Pinto-Correia, Maria Ana Ramos, Cristina Almeida Ribeiro e Cristina Sobral; a Universidade Nova de Lisboa: Maria de Lurdes Crispim, Luís Fagundes Duarte, Manuel Pedro Ferreira, João Amaral Fração, Rita Costa Gomes, Luís Kruz e José Mattoso; a Universidade de Coimbra: José

Antunes, Ana Maria e Silva Machado, Antônio Resende de Oliveira, Américo da Costa Ramalho, André Crabé Rocha, Leonina Ventura, Evelina Verdelho e Telmo Verdelho; a Universidade do Algarve: António Branco; a Universidade dos Açores: Paulo Meneses; a Universidade do Minho: José de Azevedo Ferreira; a Universidade do Porto: Luís Adão da Fonseca e Maria Cândida Monteiro Pacheco; a Universidade Aberta: Maria João Marques da Silva; a Universidade Autónoma Luís de Camões: Cecília de Freitas Goucha Soares; a Escola Superior de Tecnologia de Tomar: Horácio Peixeiro. Há pesquisadores vinculados a Bibliotecas: Luís Cabral, diretor da Biblioteca Pública Municipal do Porto; Adelino Almeida Calado, da Biblioteca da Universidade de Aveiro; Isabel Villares Cepeda, Manuela D. Domingos e Valentina Sul Mendes, da Biblioteca Nacional de Lisboa; Maria Isabel Cid, diretora da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora; Francisco G. Cunha Leão, diretor da Biblioteca da Ajuda. Há o investigador Joaquim Mendes, e José Manuel da Costa Rodrigues Garcia, da Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses.

Entre as universidades espanholas, trouxeram colaboradores a Universidade de Alcalá de Henares: Carlos Alvar; a Universidade Central de Barcelona: Vicente Beltran; a Universidade de Santiago de Compostela: Mercedes Bréa López, José Luís Couceiro, José Manuel Díaz Bustamante, Manuel Díaz y Díaz, Francisco Fernández Campo, Pilar Lorenzo, Ramón Lorenzo e Serafin Moralejo; a Universidade de Granada: Ana Díaz Ferrero, e a Universidade de Cádiz: Antonia Viñez Sanchez.

Além de instituições e universidades portuguesas e de universidades espanholas, sendo que entre essas, obviamente, deveriam destacar-se as situadas na Galiza, como de fato destaca-se a Universidade de Santiago de Compostela, algumas outras, com reconhecidos centros de estudos da literatura medieval portuguesa e galega, ou que abrigam pesquisadores de matéria portuguesa ou galega trouxeram igualmente sua contribuição. Estão presentes as Universidades: da Bahia, com Rosa Virgínia Matos e Silva; de Bari, com Maria Luísa Indini e com Vincenzo Minervini; da Califórnia, com Arthur Askins, com Harvey Sharrer e com Stefano Asperti; do Colorado, com Frede Jensen; de Pisa, com Gemma Vallin, com Mario Barbieri, com Sergio Vatteroni e com Valeria Bertolucci Pizzorusso; de Roma, com Ana Ferrari, com Aurelio Roncaglia, com Ettore Finazzi-Agrò, com Giulia Lanciani e com Giuseppe Tavani; de Siena, com Pietro G. Beltrami; de Veneza, com Manuel Simões, e de Zurique, com Luciano Rossi. Há também um investigador não vinculado a universidade: Marco Buonocore, da Biblioteca Apostólica Vaticana.

Entre todos, – os que já construíram vasta obra, conquistando o reconhecimento internacional, e os que, promissoramente, a estão construindo –, os organizadores e coordenadores destacam Elsa Gonçalves, José Mattoso e Augusto Aires Nascimento, por, além de trazerem seus inúmeros verbetes, terem contribuído para a excelência do acabamento do conjunto.

Caracteriza-se o *Dicionário* pelo alto interesse das informações que traz, das origens da literatura do Noroeste e do Oeste peninsular a 1516, ano da publicação

do *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende. É possível avaliar a dificuldade da escolha dessa data final. Passando o *Cancioneiro* de Resende, haveria muita matéria medieval ainda, como o teatro vicentino, por exemplo; António José Saraiva que o diga com seu *Gil Vicente e o fim do teatro medieval*.² Antes, porém, do ocaso do teatro vicentino, já ocorriam manifestações do **dolce stil nuovo** e da temática renascentista. Certamente a ausência daquele teatro é criticável, mas com ele, acabaríamos por exigir as redondilhas camonianas. M. Simões, no verbete dedicado à composição *Redondilha*, lembra que eram então chamadas de medida velha as composições em heptassílabos ou pentassílabos. Se Camões tivesse entrado, atingiria o *Dicionário* o fim do século XVI, visto que as *Rhythmas*, onde estão suas redondilhas, foram impressas em 1595. Há de haver sido essa a dificuldade, e impunha-se uma opção.

Teria sido possível abrir duas entradas para Gil Vicente. Uma para os dados biográficos: *Gil Vicente* e outra específica para seu teatro: *Teatro vicentino*. Nenhuma das duas haveria de sobrepor-se à entrada *Teatro*, assinada por P. Lorenzo. Camões poderia não ter uma entrada de cunho biográfico, mas talvez lhe coubesse a entrada: *Camões (suas composições medievais)*. Essa solução seria similar a outras que o *Dicionário* pratica: *Crônica* é entrada que não prejudica nem se sobrepõe às diversas outras entradas: *Crônica Breve do Arquivo Nacional*, *Crônica da Conquista do Algarve*, *Crônica da fundação do mosteiro de Jesus do Aveiro*, *Crônica da tomada de Lisboa aos mouros e da fundação do mosteiro de São Vicente*, *Crônica de Dom Fernando*, *Crônica de Dom João I*, *Crônica de Dom Pedro*, *Crônica de 1404*, *Crônica de Portugal de 1419*, *Crônica do Condestabre*, *Crônica do mouro Rasis*, *Crônica Geral de Espanha de 1344*, *Crônica Geral e Crônica de Castela*, *Crônica Troiana*, *Crônica Breves de Santa Cruz*, sendo que outras entradas, como *Crônica da tomada de Ceuta* e *Crônica de Dom João II*, por exemplo, chegam a ter entrada, mas apenas para remeter aos verbetes *Zurara*, *Gomes Eanes de e Rui de Pina*, respectivamente autores, onde encontram-se as informações acerca da obra. Outro exemplo de solução análoga passa-se com a entrada *Hagiografia*, que não impediu diversas outras entradas como: *Vida de Santo Aleixo*, *Vida de S. Barlaão e de S. Josafá*, *Vida de S. Bernardo*, *Vida de S. Frutuoso*, *Vida de S. Geraldo*, *Vida de S. Gonçalo de Amarante*, *Vida de S. Teotônio*, *Vida de Santa Eufrosina*, *Vida de Santa Maria Egípcia*, *Vida de Santa Pelágia*, *Vida de Santa Tarsis*, *Vida do Cavativo Monge Confesso*.

Tais soluções não implicam eliminar-se a referência a um **terminus ad quem**, que poderia ser mesmo o ano do *Cancioneiro Geral*. Bastaria uma explicação precisa a justificar a inclusão de manifestações medievais do século XVI, mesmo porque, se se imaginasse, na seqüência desse, um *Dicionário* de literatura clássica portuguesa, por exemplo, abrangendo os séculos XVI, XVII e XVIII, (não haveria razões para associá-la à Galega, na era clássica), a dificuldade para se incluir Gil Vicente e Teatro vicentino, como entradas, seria muito maior, embora, com relação a Camões, a presença da produção medieval, associada ao conjunto de sua obra, talvez incomodasse menos. Como disse, era necessário escolher um caminho, e a opção foi feita.

Neste *Dicionário*, encontram-se biografadas todos os poetas galego-portugueses, praticamente todos os do *Cancioneiro Geral*, os autores conhecidos de textos históricos, hagiográficos, filosóficos, apologéticos e outros. Mereceram biografia também os reis que, de modo especial, envolveram-se na vida cultura de seu povo, como Afonso III, o segundo rei português a ter entrada (o primeiro é seu irmão Sancho II), e D. Denis, o rei trovador. Do lado castelhano, servem de exemplo, Alfonso X, das *Cantigas de Santa Maria*, e Alfonso XI, a quem o Conde de Barcelos legou o seu *Livro das Cantigas*, e que, na expressão do autor do verbete, V. Beltran, abandona o galego-português puro dos seus antecessores.

Aos dados biográficos fornecidos, seguem-se invariavelmente as fontes, e apresentam-se, no pé em que estão atualmente, matérias controvertidas, ou que já o foram, como se pode comprovar, por exemplo, no verbete *Pai Soarez de Taveirós*, da autoria de G. Vallín. O verbete "Afonso III", assinado por V. Beltran, termina apontando as pesquisas recentes, segundo as quais "hoje parece muito provável que tenha sido a corte de Afonso III, certamente familiarizado com as letras francesas, a via de entrada da *vulgata* artúrica em prosa na Península Ibérica". Só que houve aí um cochilo da impressão ou do próprio V. Beltran, visto que a informação exata das recentes pesquisas está no verbete *Matéria da Bretanha*, de Ivo Castro, onde se lê: "Se o ciclo da *Vulgata* não parece ter tido divulgação no Ocidente da Península Ibérica, muito pouca teve o ciclo do *Tristão*." E mais adiante: "A maior fortuna no Ocidente peninsular coube ao ciclo da *Post-Vulgata*". O verbete de Ivo Castro chega a considerar "suficientemente estabelecido que a tradução do original francês do ciclo foi feita para o português por Joam Vivas, frade da ordem de Santiago, residente em Lisboa e freqüentador, pelo menos, da corte de Sancho II".

A informação de V. Beltran, de que a *Vulgata* veio com Afonso III colide com a do especialista e editor do *Livro de José de Arimatéia*, Ivo Castro, o que é raro neste *Dicionário*, que prima pelo cruzamento de informações exatas entre verbetes afins, dado confirmador da feliz escolha de colaboradores e da acertada atribuição das matérias.

A evolução das pesquisas arturianas, como se depreende dos dados fornecidos por Ivo Castro, parece que deixa definitivamente superada a causa da profícua polémica entre Manuel Rodrigues Lapa e P. Bohigas Balaguer, os denodados arturianos que, como Mário Martins, desbravaram a floresta do Graal na Península Ibérica, para lembrar o título metafórico do ensaio de Pierre David: *Sentiers dans la forêt du Graal*.³ Esses dois pesquisadores terçaram armas, a partir da tese "Los textos españoles y gallego-portugueses de la *Demanda del Santo Grial*",⁴ do autor catalão, a que se opôs o opúsculo de Lapa, "*A Demanda do Santo Graal*: prioridade do texto português".⁵

Mas a imprecisão que V. Beltran veicula atinge igualmente a quem considera o ciclo que foi traduzido em Portugal como um *Lancelot-Graal*, portanto, a própria *Vulgata*. Gaston Paris, em 1886, ao editar o *Huth-Merlin*, e, em 1887, ao encontrar numa livraria a edição parcial da *Demanda do Santo Graal*, feita por Reinhard-

stöettner, deixou a exata descrição do novo ciclo, em sua recensão dessas duas obras, na *Romania*.⁶ E em Portugal, Pierre David, em 1945, ao recensar a edição Magne da *Demanda do Santo Graal*, de 1944, confirmou a perspectiva de Gaston Paris.⁷

É pois fato que, em obras desta natureza, merecem todo o cuidado os verbetes que, de alguma forma, apresentam afinidade. Neste caso específico, caberia a V. Beltran, que aliás reconhece na corte de Afonso III a "porta de entrada de correntes francesas na península", verificar essas próprias correntes. Acabaria encontrando os estudos de Ivo Castro: "Sobre a data da introdução na Península Ibérica do ciclo arturiano da Post-Vulgata", e "Remarques sur la tradition manuscrite de l'*Estoire del Saint Graal*".⁸

A Société Anciens Textes Français está editando, desde 1991, a reconstituição da *Post-Vulgata*, com os fragmentos franceses dispersos e as traduções peninsulares. Ao terminar a edição, serão quatro volumes, em cinco tomos, a confirmar a tese de Fanni Bogdanow. Com um dos oponentes dessa tese, aprende-se o modo científico de objetar. O recentemente falecido arturiano francês, Jean Charles Payen, havia escrito, em sua recensão do livro *The Romance of the Grail*, de Fanni Bogdanow: "Il reste que l'on peut toujours, faute de preuve absolue, mettre en doute l'existence d'un *Roman du Graal*, tel que Fanni Bogdanow en postule la nécessité."⁹ Mas depois de pretender demolir a tese da pesquisadora, soube reconhecer, no final de seu artigo, o rigor científico da discípula de Eugène Vinaver: "Sachons plutôt gré à Fanni Bogdanow de sa modestie et de sa rigueur: elle suggère plus qu'elle n'affirme, dès qu'il s'agit de conjecturer; mais lorsqu'elle énonce des faits, elle pratique l'analyse juste et le recours à des documents précis. Remercions-la aussi d'avoir édité en appendice des textes fondamentaux et jusqu'à présent inaccessibles."¹⁰

Como não poderia deixar de ser, em todas as entradas de cunho biográfico, os nomes dos autores da época aparecem na forma documentada nos testemunhos antigos, com entrada sempre pelo primeiro nome: Estevan, Fernan, Johan, Martin, Roi, se trovadores ou jograis; Fernão, João, Martim, Rui, se autores da segunda metade do século XIV em diante. Já os estudiosos e os pesquisadores medievalistas, excluídos os vivos, têm a entrada sempre pelo último sobrenome, como: Cintra, Luís Filipe Lindley; Lapa, Manuel Rodrigues; Martins, Mário Gonçalves; Nunes, José Joaquim; Vasconcelos, Carolina Michaelis de; Vasconcelos, José Leite de; figurando nesse rol, entre muitos outros autores: Angelo Colocci, Aubrey Bell, Celso Ferreira da Cunha, Cesare de Lollis, Ernesto Monaci, Francisco Adolfo Varnhagen, Giulio Bertoni, Henry Lang, Jole Ruggieri Scudieri, Oskar Nobiling, Ramón Menéndez Pidal, Silvio Pellegrini e William Entwistle, mas não têm entrada, por exemplo: Augusto Magne, Enrico Molteni, Francesco d'Ovidio, Hugo Schuchardt, Joseph Huber, Jules Cornu, Karl von Reinhardstöettner, Otto Klob, Pierre David e Serafim da Silva Neto.

É possível que algumas dessas ausências, com estatuto de entrada, se justifiquem por terem os estudiosos trazido, para os limites do *Dicionário*, uma contribuição menor, bastando então a referência a seu nome junto à contribuição. Seria o caso de Reinharsdoëttner, autor da primeira edição parcial (os 70 primeiros fólhos) da *Demanda do Santo Grall*, edição, aliás, que já andou sendo indevidamente promovida a integral. Neste *Dicionário*, Ivo Castro, na entrada "*Demanda do Santo Graal*" oferece a informação correta. Certamente, não é o caso de Augusto Magne, nem de Serafim da Silva Neto.

Augusto Magne, para ficar apenas em seus trabalhos diretamente ligados à época medieval, deixou notáveis estudos na *Revista de língua portuguesa*, numa série de sete artigos sob a rubrica *Apostilas etimológicas*; na *Revista de filologia e história*, outra série de dez artigos, entre os quais destacaria "Um trovador do período pós-dionisino, Dom Afonso Sanches"; uma terceira série de artigos na revista *Verbum*; colaboração assídua no *Boletim de filologia*, do Rio de Janeiro. Além dessa atividade em periódicos, os demais trabalhos de Augusto Magne já vêm lembrados nas respectivas entradas: *Bosco deleitoso*, *Demanda do Santo Graal*, *Vita Christi*, além de seus dicionários iniciados, que encontram registro em *Lexicografia*.¹¹

Quanto a Serafim da Silva Neto, o esquecimento é mais grave, porquanto do autor de *História da língua portuguesa*, cujos méritos são continuamente lembrados. Se não bastasse essa obra, Serafim da Silva Neto, nascido em 1917 e falecido em 1960, nesses quarenta e três anos, produziu *Fontes do latim vulgar*, 1938; *Manual de gramática histórica portuguesa*, 1942, *A santa vida e religiosa conversação de Frei Pedro, edição fac-similada do único exemplar conhecido, com transcrição, introdução e notas*, 1947; *Diálogos de São Gregório, edição crítica segundo os três manuscritos conhecidos*, 1950; *Manual de filologia portuguesa. história. Problemas. Métodos*, 1952; *Textos medievais e seus problemas*, 1956; *Ensaio de filologia portuguesa*, 1956; *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*, 1956; *História do latim vulgar*, 1957; *História da língua portuguesa*, 1957; *Bíblia medieval portuguesa I – Histórias d'abreviado testamento velho, segundo o Meestre das Histórias Scolasticas*, 1958, para nos limitar exclusivamente ao recorte do *Dicionário*, sem entrar em detalhes das edições e reedições dos títulos. Além desses trabalhos, há uma vasta colaboração, em assuntos medievais, na *Revista filológica*, na *Revista de cultura*, no *Boletim de filologia*, em *Humanitas*, na revista *Brasília*, na *Revista portuguesa de filologia*, na *Revista da Universidade de Minas Gerais*, na *Revista brasileira de filologia*, na *Orbis*, na *Verbum*, na *Revista filológica*, na *Revista do livro*, na *Revista de Portugal*, na *Etymologica*, bem como em diversas *Miscelâneas*, publicações de homenagem, como a de Francisco Adolfo Coelho, M. Said Ali, Hernâni Cidade, Walther von Wartburg e Iorgu Iordan. Serafim da Silva Neto recebeu o título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Lisboa, depois de nela haver regido uma cátedra.¹²

Os títulos das obras vêm, frequentemente, numa grafia modernizada nas entradas: *Bosco deleitoso*, *Livro de José de Arimatéia*, *Vida de S. Barlaão e S. Josafá*,

havendo a entrada *Barlaão e Josafá* que remete a *Vida de S. Barlaão e de S. Josafá*, ou na forma abreviada como é mais conhecida: *Vida Christi*, por *Vita Domini Nostri Jesu Christi ex quattuor evangeliiis*, ou ainda conserva-se o título de impressão que teve a obra, como em *Autos dos apóstolos*. São critérios perfeitamente aceites, principalmente levando-se em conta que as entradas duplas dirimem todo tipo de desencontro.

No verbete *Lapa*, *Manuel Rodrigues*, da autoria de J. Dionísio, a referência à opinião de Walter Mettmann, que considera modelar a antologia das *Cantigas de Santa Maria*, que o autor publicou em 1934, bem como a menção do comentário bem humorado de Mário Martins às *Cantigas de escárnio e maldizer*; no verbete *Braga*, *Teófilo*, do mesmo J. Dionísio, os comentários sobre o trabalho do autor, principalmente sobre a edição do *Cancioneiro da Vaticana*, são exemplos de eficiente diálogo de informações ou de ensinamento, que J. Dionísio ministra com segurança, como no último caso, em matéria de crítica textual, deixando longe o biografismo inócuo encontrado em obras dessa natureza.

Instituições culturais da época, universidades, ordens religiosas, bibliotecas propiciam entradas, como: *Universidade Medieval Portuguesa, Alcobaca, Alcobacense (Historiografia), Franciscanos, Mosteiros, Regras monásticas, Regras dos monges, Frei João Álvares, Frei João Claro, Biblioteca Apostólica Vaticana, Biblioteca Pública Municipal do Porto, Biblioteca Nacional, Biblioteca da Ajuda, Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora. Embaixadores e legados régios* é um verbete assinado por Aires A. Nascimento, que explora o intercâmbio entre os poderosos e as cortes da época, enumera as reuniões conciliares, casamentos principescos e embaixadas de obediência papal, avaliando as expressões literárias de circunstância que tenham permanecido.

Os movimentos literários não têm entrada, o que, de fato, não faz falta, visto que as informações a eles pertinentes ficam bem em verbetes como *Trova, Trovador, Jogra, Segrel, Gil Vicente (No Cancioneiro Geral)*; ou tornam-se mais úteis no conjunto dos verbetes dedicados às cantigas – em todas as suas modalidades –, aos diversos *Cancioneiros*, à novela, à cavalaria, à novela de cavalaria, à matéria de Bretanha, à hagiografia, às crônicas, aos cronistas; ou convêm melhor em verbetes específicos, como *Drama litúrgico, Historiografia medieval, Literatura de viagens, Poesia cortês, Poesia lírica, Locus amoenus, Impossibilia, Oratória e Retórica*. Aliás marca fortemente o *Dicionário* a ausência de rótulos, o que é muito a seu favor. Prefere o critério científico de oferecer ao interessado as informações atualizadas, fruto das pesquisas dos autores, a repetir um conhecimento diluído atrás de rótulos nem sempre muito precisos. É examinar, por exemplo, os verbetes *Cancioneiro Geral*, de M. Vieira Mendes e *Cuidar e sospirar*, de M. Simões, para perceber a objetividade com que se estampa o resultado da pesquisa e a preocupação em informar, que não deixam espaço para prolixidades, cabendo ao consulente perceber o inteligente diálogo entre ambos. E os verbetes não são da mesma autoria. Quando o são, como no caso de Ivo Castro, com a matéria da Bretanha, e Ramón Lorenzo, principalmente em suas entradas sobre crônicas, é fácil perceber o

cruzamento de informações a revelar o domínio absoluto da matéria aliado à atualização das informações.

As tendências filosóficas marcantes da Idade Média, aristotelismo, agustinismo e platonismo constituem entradas, em que a gama de informações revela pesquisa no sentido de documentar sua presença e sua influência em Portugal. É o que se continua a avaliar em verbetes como *Apologética*, *Bíblia*, *Boécio*, *Patrologia*, *Judaísmo e cristãos novos*.

Os gêneros poéticos, todas as modalidades de cantigas: – de amigo, de amor, de escarnho e maldizer, de mestria, pastorela, de refram, de romaria, de seguir, seranilha, de vilão, de Santa Maria, alba, bailada ou bailia, barcarola (ou marinha), balada (provençal), – as formas de expressão poética, como: tenção, kharja, muwaxaha, vilancete, ou as espécies de sátira literária, sátira moral, sátira política, – seus recursos técnicos, passando por entradas como *Arte de trovar*, *Arte Maior*, *Arte Menor*, *Atá fiinda*, *Cobra*, *Decassilabo*, *Desacordo*, *Dobre*, *Fiinda*, *Leixa-pren*, *Medida Velha*, *Mozdobre*, *Octossilabo*, *Palavra perduda*, *Paralelismo*, *Redondilho*, *Refram*, *Rondel*, satisfazem o consulente, trazendo-lhe as mais recentes notícias, inclusive quanto à informação acerca da música das cantigas, com o verbebo *Pergaminho Sharrer* das cantigas de D. Denis com notação musical, que antecede o *Pergaminho Vindel*.

Está ainda por receber o merecido valor e por produzir os esperados resultados a descoberta de Harvey Sharrer, de que se dá notícia completa, com impressão do códice, em *Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*.¹³ Do lado de cá do Atlântico, deu notícia do achado Cecília Nami Adum, no artigo *Poesia medieval musicada*.¹⁴ Na entrada *Música*, deste *Dicionário*, à página 469, há três exemplos de transcrição musical em pentagrama das notações musicais conhecidas incluindo o Pergaminho Sharrer: cantigas IV e V de Martin Codax, as primeiras frases da Cantigas de Santa Maria e o começo da cantiga VI de D. Denis.

Todas as entradas que nos ocuparam até o momento desenvolvem assuntos situados dentro do quadro de expectativas que o *Dicionário* cria. O tratamento criterioso que cada matéria recebe assinala a diretriz científica, inteiramente comprometida com a modernidade, a garantir a excelência do conjunto. Além disso, porém, entradas não muito freqüentes em dicionários desta natureza, tornam-se mais claramente reveladoras de sua caracterização: o *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*, fortemente marcado pela veiculação de resultados de pesquisa que fazem dele um instrumento de trabalho, na linha de publicações especializadas em oferecer os subsídios necessários, diria mesmo indispensáveis, para a compreensão dos textos medievais. De fato, o estudioso – seja-me permitido pensar particularmente no estudante de Letras – defronta-se com suas dificuldades, quando o objeto de seu estudo é um texto em português antigo. A língua é a primeira, e a segunda é a busca de informações acerca da autoria ou anonimato, da biografia do autor, de sua época, do ambiente em que viveu, da produção e da difusão da obra, da tradição manuscrita e da tradição impressa do texto.

Pois aí está o *Dicionário*, cujos colaboradores foram por ele, o estudioso, aos arquivos e bibliotecas, aos catálogos, às fontes primárias, aos autógrafos, apógrafos ou ideógrafos, aos incunábulos, às edições, aos vocabulários críticos, aos mais variados tipos de repertórios biográficos e bibliográficos. E depois de oferecerem-lhe o fruto da pesquisa, passam-lhe as fontes na bibliografia, ao final de cada verbete, propiciando-lhe, se for necessário, e se para tanto tiver fôlego, a oportunidade de percorrer ele mesmo novamente o trajeto, que, visto por novos olhos, poderá, quem sabe, trazer novas revelações.

O consulente que abre e lê este *Dicionário*, imediatamente percebe que não tem em mãos apenas mais um Dicionário de literatura, concluindo tratar-se de obra especializada. De fato, a época em questão, a Idade Média, exige que uma série de assuntos tenham estatuto de entrada, assim como outra época exigiria o mesmo de outra gama de assuntos. *Autor*, por exemplo, na expressão de E. Finazzi-Agrò, que assina o verbete, "na estética medieval, é noção que parece ainda estar ligada à visão clássica do escritor como mediador entre tradição e criação, entre memória e invenção". Outros verbetes que desenvolvem o estudo dos recursos dessa produção do autor medieval comparecem: *Bilingüismo / plurilingüismo na poesia lírica, Escrita / oralidade, Influências e intertextualidade, Plurilingüismo, Traduções*. O trabalho artesanal de fixação e difusão dos textos é desenvolvido em verbetes como: *Manuscritos, Códice, Circulação do livro manuscrito, Iconografia e ilustração, Livro, Tipografia, Incunábulos*. Extremamente úteis, e descrevendo produção específicas, os verbetes *Cartografia medieval, Exemplo, Fábula, e Gramática*.

No bojo da discussão acerca da língua de determinadas obras galegas e portuguesas, dada a forte tendência em não mais nivelá-las ao galego-português ou galaico-português, talvez se tenha perdido uma bela ocasião, com o lançamento deste *Dicionário*, para entradas como *Galego, Galaico-português, Português antigo, Galego antigo* ou outras que fossem mais convenientes, visto que conhecidos pesquisadores da matéria, – vide particularmente o título VI da introdução à edição de *Crónica Troiana*, de Ramón Lorenzo: "A língua da *Crónica Troiana* e as diferenças entre os copistas"¹⁵, e a opinião de Clarinda de Azevedo Maia, a respeito, em sua *História do galego-português*¹⁶ – possivelmente teriam uma síntese de suas investigações para oferecer. Suscita essa questão a diferença de tom entre o tratamento dado à entrada *Crónica Troiana* por Lindley Cintra, em 1969, no *Dicionário de literatura portuguesa, brasileira, galega e estilística literária*,¹⁷ e agora, neste *Dicionário*, por Ramón Lorenzo. Cintra abre o verbete caracterizando a obra como versão galega, e ao encerrá-lo, diz textualmente: "... esta *Crónica Troiana* parece ser a única obra em língua galego-portuguesa totalmente consagrada a este assunto"¹⁸; enquanto Ramón Lorenzo fica com: "tradução galega do século XIV", alertando para a "importância capital do texto para se conhecer o estado da língua no século XIV".

Por fim, e certamente da mais relevante importância, é o conjunto de entradas que desenvolvem a matéria de crítica textual. São entradas específicas *Edição crítica, Tavola Colocciana, Tradição manuscrita da poesia lírica*, Mas a matéria é

tratada ainda na prática por editores especializados, como J. Mendes, em *Crónica da tomada de Lisboa aos mouros e da fundação do mosteiro de São Vicente*, com a estemática traçada; por Ivo Castro, que preparou a muito esperada edição do *Livro de José de Arimatéia*, nos verbetes da matéria arturiana; por Elsa Gonçalves, no próprio verbete *Tradição manuscrita da poesia lírica*, onde reproduz os estemas de Tavani para os *Cancioneiros* da poesia trovadoresca; por Ramón Lorenzo, o editor de *Crónica Troiana*, entre outros trabalhos seus de crítica textual; por C. Sobral, na entrada *Vida de Santa Maria Egípcíaca*, em que estabelece a comparação entre as fontes, com vistas à reconstituição das relações de parentesco. Quando a entrada não comporta o estema traçado, é de se notar que as informações correspondem ao resultado de uma *recensio*, como se pode observar em *Vida de Santa Pelagia*, *Vida de Santa Tarsis*, verbetes assinados por Luís Fagundes Duarte, e em muitos outros. O consulente, via de regra, recebe as informações acerca das fontes primárias.

Um último traço da harmonia de seu conjunto há de estar na excelente qualidade das reproduções fac-similares que traz. A cores, em páginas não numeradas de papel couché, podem ser admirados ou lidos o fôlio 265v do Códice Alcobacense 455 e o fôlio 10r dos *Autos dos apóstolos* (BN, Alc. 280), entre as páginas 24 e 25; o fôlio 1r do incunábulo da *Bíblia* de Gutemberg (BN, Inc. 305) e o fôlio br do incunábulo *De Consolatione*, de Boécio (BN, Inc. 190), entre as páginas 48 e 49; o fôlio 56r da *Cancioneiro da Ajuda* (B. da Ajuda) e, em página dupla, uma carta do Mediterrâneo, anônima, do início do século XVI, encontrada no Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Cabeço de Vide, entre as páginas 132 e 133; o fôlio 1r do Códice Iluminado do Foro Real, (BN, Il. 111) e os fôlios 251v e 252r das Tábuas de contar (BN, Alc. 426), entre as páginas 276 e 277; uma iluminura do *Livro das aves* do Mosteiro de Lorvão, 1183 (ANNT, Casa-Forte, n° 90), entre as páginas 408 e 409; o fôlio 3r do *Livro de Horas* da Rainha Dona Leonor (BN, Il. 165), entre as páginas 432 e 433; o fôlio 3r do *Livro dos milagres de São Vicente* (BN, Alc. 420) e os fôlios 12v e 13r do *Sermão de São Jerônimo* (BN, Alc. 149), entre as páginas 468 e 469; o fôlio 1r do incunábulo da *Vita Christi* (BN, Inc. 1161) e dois fôlios do Pergaminho Vindel, ms. 979 da Pierpont Morgan Library, entre as páginas 672 e 673. São fac-símiles em preto e branco: o fôlio 3r de um incunábulo de obra de Aristóteles, em grego (BN, Inc. 926), página 61; o fôlio 3r do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, que reproduz o início da *Arte de trovar*, página 67; o fôlio 1r do *De civitate Dei*, de Santo Agostinho (BN, Alc. 332), página 73; o rosto do *Bosco Deleitoso*, do exemplar da Livraria de D. Manuel II, página 108; o fôlio do *incipit* do *Cancioneiro de Baena* (Biblioteca Nacional de Paris ms. esp. 37), página 127; um fôlio não numerado da *IV Crônica Brege de Santa Cruz* (Biblioteca Pública Municipal do Porto), página 195; o fôlio 1 a e b da *Demanda do Santo Graal* (Cód. 2594 da Biblioteca Nacional de Viena), página 205; o fôlio 9 do *Cancioneiro da Vaticana*, que reproduz cantiga de D. Denis, página 207; o *incipit*, que é o rosto do *Espelho de Cristina* (BN, Res. 404), página 243; o rosto do *Flos Sanctorum em lingoagem portugues* (BN, Res. 157A), página 280; o fôlio do *incipit* do *Livro da Ensinança de bem cavalgar toda sela*, de D. Duarte, códice da Biblioteca Nacional de Paris, página 401; página não numerada de cópia sobre papel de 1626, do *Livro de montaria*, de D. João I (BN, Cód. 4352), página 432; o fôlio 300r do cód. 3217

Vat. lat., que é o início da *Tavola Colocciana*, página 617; o fólio 25r do ms. 9249 da Biblioteca Nacional de Madrid, "Tenção entre Afonso Sanchez e Vasco Martins de Resende", página 623; o fólio 1r do incunábulo do *Tratado de confissão* (BN, Inc. 1484), página 637; um fólio da *Vida de S. Frutuoso*, datada de fim do século XIII, não numerado na legenda, havendo o número 49 no alto da coluna A do facsimile (BN, Alc. 454), página 667; um fólio não numerado, início do *Livro da virtuosa benfeitoria*, de D. Pedro, sem indicação da procedência, página 682 e um fólio não numerado do prólogo da *Crônica da tomada de Ceuta*, de Gomes Eanes de Zurara, (ANNT, Casa-Forte, n° 355), página 689. Além dessas reproduções facsimilares de texto, há duas ilustrações, sendo a primeira, a fotografia de uma pintura do busto de Ângelo Colocci, da Biblioteca Universitária de Bolonha, à página 165, e a outra a fotografia do sarcófago de Pedro de Portugal, Conde de Barcelos, da Igreja de São João de Tarouca, à página 522.

Se algo está faltando neste *Dicionário* são os índices, peças de primeira utilidade para o consulente, conservando-se, é claro, a "Lista de colaboradores e colaborações", que, do final do volume, poderia vir para o início, tanto mais que, a rigor, ela não é de fato um índice, pois não remete a páginas nem do autor, nem das entradas. Seriam de extrema utilidade dois índices: um dos títulos de obras, no qual figurariam com destaque os títulos que têm estatuto de entrada no *Dicionário*, e outro dos autores, este sem destaque para os colaboradores, visto que a "Lista dos colaboradores e das colaborações", no início do volume, já os honra. Poder-se-ia acrescentar um terceiro índice: o das ilustrações que, para ficar precioso e rico, poderia oferecer ao consulente, quando for o caso, informações, ainda que muito reduzidas, acerca do suporte, pergaminho ou papel, bem como da letra. A única informação a respeito de suporte, em legenda, é dada na cópia do *Livro da montaria*, na reprodução da página 413. É claro que ela não autoriza o consulente a deduzir que todas as demais reproduções são de códices pergamináceos.

Se para todos os tempos, e não apenas em literatura, é fundamental trabalhar-se com texto fidedigno, para a época em questão neste *Dicionário*, a autenticidade do texto é, sem dúvida, mais exigente de implicações, não apenas para os estudiosos de literatura, mas sobretudo para os investigadores da história da língua, para os interessados na escrita e na oralidade e também para quem difunde a cultura medieval, para não correr o risco de veicular, por exemplo, que *estória* é anglicismo criado por Guimarães Rosa, por certo imaginando-se atribuir, com isso, um mérito ao autor de *Grande-Sertão: Veredas*, o que, se ele pudesse, de pronto recusaria. Neste *Dicionário*, uma entrada com o título modernizado *História de Vespasiano*, logo traz o original *Estória do muy noble Vespesiano emperador de Roma*, e a palavra **estória** volta em outros verbetes, que testemunham ocorrências muito freqüentes nas origens da língua portuguesa. Esta fantasiosa "etimologia" de **estória** como anglicismo do século XX é um entre inúmeros outros exemplos que poderiam ser trazidos e que só tendem a multiplicar-se, à medida em que a história da língua, sob o pretexto de que fenômenos lingüísticos atuais ficariam sem descrição, viesse a limitar-se à chamada România Nova.

Os estudos medievais estão com toda a força, não apenas na Europa. Talvez onde mais se estuda a Idade Média, hoje, seja nos Estados Unidos. O espírito desse estudo está no rigor científico, acima exemplificado com o trabalho de Fanni Bogdanow, com a crítica ousada e respeitosa, portanto do melhor nível, de Jean Charles Payen, e de similares que há em língua portuguesa. Se Eugène Vinaver perseguiu as trilhas apontadas por Gaston Paris, a Fanni Bogdanow coube continuar a pesquisa de seu mestre. Estudos medievais não comportam imediatismo, vide o longo trabalho de Cintra com a *Crônica Geral de Espanha de 1344*, cujo último volume só apareceu em 1990. O volume I saiu em 1951. Leia-se a "Nota Final", do volume IV, datada de 13 de junho de 1989, para se fazer uma idéia do que são estudos medievais e de qual é o seu ritmo.¹⁹

Vale a pena mencionar apenas dois acontecimentos de grande importância, e mais próximos de nós do que os Estados Unidos. A Universidade Nacional Autónoma do México criou uma revista especializada, *Medievalia*, que já vai pelo número 15 e promove este ano "Jornadas Medievales", congresso internacional, com presença marcante de pesquisadores sul-americanos. Bem mais perto de nós, a UNICAMP acaba de criar um Programa de Estudos Medievais, o PEM, dentro do Núcleo de Estudos de Culturas de Expressão Portuguesa, NECEPO, no Instituto de Estudos da Linguagem, IEL, a funcionar como um órgão centralizador e promotor de atividades, congregando os trabalhos de pesquisadores do Estado de São Paulo e demais Estados brasileiros, interessados em contribuir, dentro do espírito de trabalho em equipe e de colaboração interdisciplinar, para o desenvolvimento dos estudos medievais. Isto para não falar do grande número e da qualidade de publicações, como traduções, edições críticas, ensaios, obras especializadas e obras de divulgação. Os livros não são sempre, nem apenas de Literatura, vão à História, à Filosofia, atingem a vida social, a religião, a arte, os costumes, a alimentação, as doenças, a morte, enfim toda a cultura medieval que vem despertando interesse crescente, por razões aliás muito óbvias.²⁰ E agora este *Dicionário*! Será necessário buscar testemunho mais eloqüente do alto interesse que Idade Média desperta, nesta virada de milênio?

Enfim, para quantos se dedicam a esses estudos ou venham a eles dedicar-se, este *Dicionário* é instrumento valiosíssimo de trabalho. Suas entradas são verdadeiras portas abertas para o pesquisador, para o estudioso, para o estudante, e também para o consulente simplesmente interessado.

*

NOTAS

1. LANCIANI, Giulia, e TAVANI, Giuseppe. (Org. e Coord.) 1993. *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*, Lisboa, Caminho, 698 p.
2. Antônio José Saraiva. *Gil Vicente e o fim do teatro medieval*, Lisboa, 1942. Ver também o magistral estudo da linguagem de Gil Vicente: Paul Teyssier, *La langue de Gil Vicente*, Paris, Klincksieck, 1959. Outra expressão que afirma o espaço medieval do teatro vicentino, encontramos em Segismundo Spina, *Obras primas do teatro vicentino*, 3.ª ed., São Paulo, Difel, 1959: "... permaneceu um homem do outono da Idade Média, de cultura escolar e teológica, divorciado do saber científico, oferecendo uma concepção teocêntrica do mundo, um ideal social hierárquico e uma ética fortemente baseada na ascese: desnudar o homem, mostrar-lhe as misérias e apontar o caminho para a redenção", glosando o pensamento de Joaquim de Carvalho, cuja obra menciona em nota: *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*, II, Coimbra, 1948, p. 208. Enfim, é vasta a bibliografia a confirmar tal perspectiva.
3. Pierre David. *Sentiers dans la forêt du Graal*. Coimbra, Ed. Coimbra, 1943.
4. Pere Bohigas Balaguer. *Los textos españoles y gallego-portugueses de la Demanda del Santo Grial*, *Revista de Filología Española* anejo VII, Madrid, Imprenta Clásica Española, 1925.
5. Manuel Rodrigues Lapa, *A Demanda do Santo Graal*: prioridade do texto português, In: *A Língua Portuguesa*, I, 1929-30, p. 266-279 e 305-316. Esse artigo circula em *separatum* dessa revista, tem sua versão francesa do próprio autor, no *Bulletin des études portugaises et de l'Institut français au Portugal*, Coimbra, 1931, p. 137-160, e integra o livro *Miscelânea de língua e literatura portuguesa medieval*, de Manuel Rodrigues Lapa, Rio de Janeiro, INL, MEC, 1965, p. 105-133. Recentemente corroboram as opiniões de Lapa exaradas nesse ensaio, entre outras autoridades no assunto: Colette-Anne van Coolput, *Aventures querant et le sens du monde*, Leuven, Leuven University Press, 1986, ao traçar, à p. 199, seu estema da *Quête da Post-Vulgata*. Em artigo ainda inédito, que nos autorizou citar, Fanni Bogdanow é explícita: "The complete Post-Vulgate was translated at the end of the thirteenth century into Galician-Portuguese and from the Portuguese into Castilian." Esse texto da arturiana inglesa está no prelo, no Brasil.
6. Gaston Paris. "Comptes-rendus, I. *Merlin*, roman en prose du XIII.^{ème} siècle publié avec la mise-en-prose du roman de *Merlin* de Robert de Boron, d'après le manuscrit appartenant à M. Alfred H. Huth, par Gaston Paris et Jacob Ulrich. Paris, Didot, 1886. II. *A história das cavaleiros da mesa redonda e da demanda do santo Graal*, Handschrift n.º 2594 der K. K. Hofbibliothek zu Wien, zum ersten male veröffentlicht von Karl Von Reinhardtstoëttner. Erster Band. Berlin, Haack, 1887." In: *Romania*, volume XVI, 1887, p. 582-586.
7. Pierre David, "Augusto Magne. *A Demanda do Santo Graal*", in: *Bulletin des études portugaises et de l'Institut français au Portugal*, nouvelle série, t. X, fasc. 1, p. 235-239.
8. Ivo Castro, "Sobre a data da introdução na Península Ibérica do ciclo arturiano da Post-Vulgata", in: *Boletim de Filologia*, XXVIII, 1983, p. 81-98. Ivo Castro, "Remarques sur la tradition manuscrite de l'*Estoire del Saint Graal*", in: *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85.º aniversário*, ed. D. Kremer, Tubingen, Max Niemayer, 1988, p. 195-206.

9. Jean Charles Payen, "Survie et mort des textes médiévaux", *Le Moyen Age*, LXXVIII, 1972, n.º 2, p. 325-339.
10. Idem, *Ibidem*.
11. A respeito de Augusto Magne, v. *Verbum*, t. XXXIII, fasc. 3 (set. 1966), Rio de Janeiro, Universidade Católica. Em destaque o artigo de J. F. Leite: "Augusto Magne, S. J., e a filologia no Brasil", p. 275-286, em que o autor arrola 11 títulos de trabalhos importantes de Magne, na área.
12. A respeito de Serafim da Silva Neto, Sílvio Elia oferece a biografia e a "Sinopse cronológica da produção científica", nas páginas iniciais da terceira edição do *Manual de filologia portuguesa*, Presença, Rio de Janeiro, 1977.
13. Harvey L. Sharrer, "Fragmentos de sete cantigas d'amor de D. Dinis, musicadas – uma descoberta", in: *Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, v. I, Lisboa, Cosmos, 1991, p. 13-29.
14. Cecília Nami Adum, "Poesia medieval musicada" in: *DO Leitura*, São Paulo, 11 (126), novembro 1992, p. 14-15.
15. Ramón Lorenzo, *Crónica Troiana, A Coruña*, Fundación Pedro Barrié de la Maza, 1985, p. 81-167.
16. Clarinda de Azevedo Maia, *História do galego-português. Estado lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno)*, Coimbra, INIC, 1986.
17. Luís Filipe Lindley Cintra, *Crónica Troiana*, in *Dicionário de literatura*, v. I, org. Jacinto do Prado Coelho, edição de Figueirinhas, Porto, 1969, p. 241-242.
18. Idem, *Ibidem*.
19. Luís Filipe Lindley Cintra, *Crónica Geral de Espanha de 1344*, v. I-IV, Lisboa, 1951, 1954, 1961 e 1990 (e não 1980, como informa a bibliografia do verbete).
20. Ter em mente o tipo de **Historiografia que hoje se faz** e voltar a Huizinga, Johan, *Le Déclin du Moyen Age*, trad. de J. Bastin, Paris, Payot, 1967, obra que revela o teor de vida da alta Idade Média.
